

**REDESCOBERTA POR DJS DO CIRCUITO INTERNACIONAL, CANTORA
BRASILEIRA LANÇA *INKIRI OM*, ÁLBUM EM DEFESA DOS POVOS INDÍGENAS E DO MEIO AMBIENTE**

Acompanhada por um time de músicos consagrados, Maria Rita Stumpf espera chamar a atenção do mundo para o momento crítico da população nativa

Texto: Leonardo Lichote

CLÍPE “SOMOS TODOS ÍNDIOS”

<http://www.youtu.be/tGtyrPfMmt4>

CLÍPE “CANÇÃO DAS HORAS”

<https://www.youtube.com/watch?v=hKIM0BpsmFI>

FOTO EM ALTA RESOLUÇÃO

<https://bit.ly/2W44fim> (crédito Demian Golovaty)

Todos. Origem.

As duas palavras - que soam como sementes do sentido da existência humana - são cantadas repetidas vezes, ecoadas, espelhadas nos últimos segundos de “*Inkiri Om*”, canção que abre e dá título ao terceiro disco de **Maria Rita Stumpf**.

Não é um acaso. “Todos” e “origem” guardam em grande medida o que se ouve nos poucos mais de 40 minutos do álbum - nos quais **Maria Rita** interpreta composições próprias (inclusive uma parceria com o poeta **Gregório de Matos**, que soa atualíssimo em seu olhar ácido sobre o **Brasil**, a despeito de tê-los escrito no século XVII) e de artistas como **Taiguara**, **Milton Nascimento**, **Nelson Angelo**, **Vinicius Cantuária**, **Evandro Mesquita** e **Violeta Parra**. Em versos, arranjos e melodias, a cantora aponta na direção de uma consciência da comunhão e das raízes humanas, da forma como os destinos de todos (homens, mulheres, animais, plantas, Terra, cosmos) se encontram inevitavelmente entrelaçados desde o início - uma obviedade que nos é lembrada de maneira incontestada em traumas como a pandemia que assola o mundo neste início de **2020**.

Mais do que isso, no disco **Maria Rita** concretiza em música um universo no qual a comunhão e a ligação com a origem são a base. E faz isso com uma convicção que desafia as armadilhas teóricas de conceitos como “lugar de fala” e “apropriação cultural”. Mulher gaúcha, branca, ela não se furta a mergulhar em tradições

indígenas, africanas, latinas, indianas, árabes, asiáticas, europeias para construir “**Inkiri Om**”.

“A essência humana é uma só, seja no **Xingu** ou em **Manhattan**”, defende a cantora. “E a essência está na origem. Por não respeitarmos a origem estamos caminhando para nosso fim. Não à toa a capa do disco (*desenvolvida pelo designer **Juliano de Oliveira Moraes**, a partir de pintura de **Julio Saraiva** e obra de **Miguel Gontijo**, criada especialmente para o álbum*) traz o oroboro, figura mitológica que está em várias culturas e na minha vida”.

O oroboro, serpente que come o próprio rabo, volta eterna e transformada ao início, remete, como **Maria Rita** chama a atenção, a seu próprio caminho artístico. Em **1988**, a cantora lançou seu disco de estreia, “**Brasileira**” - no qual assinava apenas como **Maria Rita**. Ao lado de músicos como **Luiz Eça**, **Ricardo Bordini** e o grupo **Uakti**, o disco já propunha o diálogo entre tradições de ancestralidades diversas - de cantos indígenas à música clássica. Celebrado pela crítica, o álbum concorreu em **1989** ao **Prêmio Sharp**, na categoria Cantora Revelação da MPB - que **Marisa Monte** acabou levando, por seu disco de estreia.

Maria Rita lançaria ainda, em **1993**, “**Mapa das nuvens**” - aprofundando-se na mesma vocação de cruzar linguagens e sabedorias. “**Inkiri Om**” marca, portanto, a volta da cantora aos estúdios depois de 27 anos - período no qual ela continuou próxima da arte, mas nos bastidores, no comando da produtora **Antares**, que trouxe ao Brasil os maiores nomes da música clássica e da dança. O sucesso da **Antares** e o tempo que a empresa demandava, somado à dificuldade de se produzir música como a sua, de fronteiras, afastou a artista de sua carreira.

O retorno de **Maria Rita** começou a se desenhar à sua revelia. A partir de 2015, “**Brasileira**” entrou no radar de DJs do circuito internacional e passou a ser disputado por colecionadores de vinil, puxado pela faixa “**Cântico brasileiro nº 3 (Kamauará)**”. Em **2017**, o álbum foi relançado em vinil e digital pelo selo **Selva** - criado pelos DJs **Millos Kaiser** e **Augusto Trepanado**, da festa Selvagem, especialmente para a reedição (esgotada). No mesmo ano, lançou o EP “**Brasileira remixes**” e foi incluída na coletânea “**Outro tempo: electronic and contemporary music from Brazil, 1978-1992**”, do pesquisador anglo-espanhol radicado em Londres **John Gómez**. A volta aos shows foi consequência: desde então, ela passou por palcos como **Red Bull Music Academy Festival** (em **São Paulo** - no tradicional e vanguardista Teatro Oficina - e na Casa de Francisca), **Kino Beat Festival (Porto Alegre)** e a edição brasileira do festival holandês **Dekmantel** (também em **São Paulo**).

O desejo de gravar, que nunca havia sido abandonado, foi reacendido. Em **2018**, numa conversa com o produtor **Kassin Kamal**, **Maria Rita** foi incentivada por ele a

lançar um novo álbum. Pouco tempo depois, ela sofreu uma queda na Avenida Paulista, numa tentativa de assalto, que provocou o rompimento de dois ligamentos no tornozelo. Resultado: 60 dias sem poder pôr o pé no chão. “**Inkiri Om**” fermentou nesse período.

Recuperada, **Maria Rita** reuniu amigos dos tempos de “**Brasileira**” e “**Mapa das nuvens**” a outros mais recentes no estúdio Aprazível, de **Philippe Ingrand (Doudou**, “o francês mais brasileiro que conheço”, na definição da cantora). No primeiro grupo estavam, além de **Doudou**, o multi-instrumentista **Ricardo Bordini** (que assina com ela a direção artística do disco), o violoncelista **Lui Coimbra** (responsável pela direção musical), o violonista **Maurício Carrilho**, o guitarrista **Paulo Rafael**, os percussionistas **Marcos Suzano**, **Paulo Santos** (do Uakti) e **Jovi Joviniano**. Engrossaram o time **Matheus Câmara** (*aka* Entropia-Entalpia, nas guitarras e programações, músico em grande medida responsável pela porção eletrônica do disco), **Danilo Andrade** (pianos, teclados, programações) **Kassin Kamal** (baixo), **João Lyra** (viola caipira), **Ayran Nicodemo** (violino), **João Senna** (viola) e **Eduardo Neves** (flautas). Um *dream team* que reflete a amplitude da música da artista, com nomes de diferentes segmentos da música popular, instrumentistas ligados a vanguardas de muitas naturezas, gente da música clássica.

Juntos, eles construíram a sonoridade de “**Inkiri Om**” - fosse pelos arranjos coletivos ou pela colaboração ampla quando os arranjos eram assinados, ou seja, partiam de concepções mais definidas. “Um disco de tribo”, define **Maria Rita**.

“**Inkiri Om (Cântico brasileiro nº 7)**”, faixa composta por ela e que abre o disco, lista etnias sobre o chão de xequerês e tablas e violoncelos e graves eletrônicos e flautas. Traduz em música o encontro da expressão-chave do disco. “**Inkiri**” (“o amor em mim saúda o amor em ti”) é um cumprimento que há séculos era usado por uma tribo que viveu na região de Piracanga, na Península de Maraú, na **Bahia**. “**Om**” é o mantra mais importante do hinduísmo, o “som do universo” - **Maria Rita** estudou budismo na **Índia**, onde esteve nove vezes (sua vivência inclui ainda lugares como **Nepal** e **Peru**, onde morou por três anos).

No momento em que a cantora, na letra, cita os Avá-Canoeiros, a flauta faz referência à melodia de “**Canoa canoa**” (**Nelson Angelo** e **Fernando Brant**) - canção que encerra o disco. Amarras como essa costumam todo o álbum - um arranjo usa fragmentos instrumentais de outros, num diálogo que desfolha o disco em muitas camadas.

A listagem de etnias desemboca naturalmente na afirmação “**Somos todos índios**” (**Vinícius Cantuária** e **Evandro Mesquita**), que dá título à segunda faixa. Primeiro single de “**Inkiri Om**”, ela tem a força direta das canções feitas para se cantar a muitas vozes, como faz o coro infantil da UFRJ na gravação. “**Somos todos índios**”

carrega portanto essa energia de música de aldeia, de hino folk. Faz pensar em canções como **“Heal the world”**, de **Michael Jackson**, que operava nas mesmas frequências declaradamente positivas. Melodia e letra afinadas para alcançar um sentimento de comunhão ancestral e contemporâneo - necessário como nunca neste **2020**. O arranjo - apesar de ser o mais pop de um disco repleto de ousadias formais - foge do convencionalismo ao abraçar percussões tradicionais da **Ásia** e da **África**, em meio a instrumentos de orquestra como piano e clarineta. Sons que servem de base para um canto “de luta por um mundo de paz”, como diz a letra.

“Canção das horas”, de **Maria Rita**, cruza mitologias da **Grécia**, da **Ásia** e da **Amazônia** numa melodia que flutua sobre a delicadeza de pianos e tablas - apesar do cenário de destruição produzido por “homens sem luz” e testemunhado por deuses. É a preparação para a releitura épica de **“Sete Cenas de Imyra” (Taiguara)**. Ao longo de seis minutos, há uma ambientação sonora para cada uma das cenas do mito de nascimento, destruição e renascimento descrito na letra. Oroboro sonoro - timbres eletrônicos e ritmos indígenas aparecem organicamente ligados sem limites entre eles.

Índigena nos versos em primeira pessoa, **“Promessas do sol” (Milton Nascimento e Fernando Brant)** se baseia no acordeão surpreendente de **Bordini**, sobre percussões de muitas geografias. O músico mantém o tom de surpresa no arranjo essencialmente eletrônico e climático de **“Hai kai das borboletas”** (parceria de **Maria Rita** e **Zé Caradípia**) - no qual executa sozinho as programações.

Num terreno tão livre, a toada **“Água benta” (Nando D’Ávila)** chega sem choque. No arranjo de **Sergio Assad**, o violão de **Mauricio Carrilho** e a viola caipira de **João Lyra** conversam com a guitarra de **Paulo Rafael (Ave Sangria, Alceu Valença)** e o baixo de **Kassin Kamal** como se tivessem crescido juntos num mesmo quintal. Outros interiores são visitados em **“Aavoth”**, no qual cítaras, tablas e derbaks instauram um território de mística árabe e indiana.

A viagem em torno da grande aldeia chega a **“Run Run se fue pal norte” (Violeta Parra)**. O quarteto de cordas instaura a sala de concerto sob a sombra dos Andes, na qual **Marcos Suzano** adentra com seu reisado, seu “canto do Jequitinhonha”, como descreve **Maria Rita**.

“Dona Bahia” (com música de **Maria Rita** sobre versos de **Gregório de Matos**) cria uma atmosfera atemporal e desterritorializada - o burburinho gravado na feira da Glória, a água da torneira, a escova lavando roupas no tanque, a imprecisão orgânica da marimba de vidro tocada com arco - para sustentar um discurso profundamente realista e contemporâneo. Uma crítica à sordidez dos governantes numa **Salvador** do século **XVII** que serve como metáfora do **Brasil** do século **XXI** ou mesmo do que se convencionou chamar de civilização ocidental.

O disco se encerra com “**Canoa canoa**” - outra civilização possível defendida sob flautas, pianos, tambores orgânicos e eletrônicos, violinos e violoncelos. Uma civilização que, como dizem os versos de **Fernando Brant**, prefere as águas, o rio, os peixes. Prefere pescar. A civilização da qual “**Inkiri Om**” desenha o mapa, ecoando a citação de **Manoel de Barros** presente no encarte:

“...se admirava de como um grilo sozinho, um só pequeno grilo, podia desmontar os silêncios de uma noite”.

Todos. Origem.

Inkiri OM

Gravado no Estúdio Aprazível, Rio de Janeiro, entre fevereiro e agosto de 2019

Concepção e Direção de Produção: Maria Rita Stumpf

Direção Musical: Ricardo Bordini

Produção Musical: Maria Rita Stumpf e Lui Coimbra

Técnicos de Gravação: Philippe Ingrand (Doudou) e Bruno Tavares

Mixagem: Philippe Ingrand (Doudou) e Lui Coimbra

Masterizado por Ken Lee Mastering - Los Angeles

Distribuído por Tratore para o selo Antares SP

Spotify: <https://spoti.fi/2SAHssd>

YouTube: <https://bit.ly/2xqQaSB>

Website: www.mariaritastumpf.com

Management Artístico: André Oliveira

andre.oliveira50@gmail.com

(+55 21) 96919-0793

INFORMAÇÕES PARA A IMPRENSA

Canivello Comunicação

Julia Enne – julia.enne@canivello.com.br / (+5521) 98505-4555

Mario Canivello – mario@canivello.com.br / (+5521) 98987-4499